antologia anonima 27chan nº1



Antologia Anônima 27chan
Volume 1



Este projeto tem como finalidade a materialização em palavras de todo o pensamento autístico dos anônimos brasileiros sobre os mais diversos temas. Nada é infinito e tudo um dia se acaba. Os imageboards um dia terão seu fim. Sendo assim, através dessa coletânea, no futuro teremos uma chance de captar todo o fluxo de consciência de um anônimo padrão.

Parte 1 - Prosa

Nota do início de agosto

Hoje cometerei suicídio. Ou melhor dizendo, hoje começarei meu processo de suicídio. Qual seria esse processo? Comprar uma corda ou uma arma? Juntar dinheiro pra comprar uma corda ou uma arma? Construir a própria corda ou a própria arma?

Creio que o suicídio vá além disso. Não estou desmerecendo aqueles que se enforcam ou atiram em sua têmpora, mas esses métodos são apenas a maneira mais rápida de deixar a vida, escolhidos por aqueles que não suportam passar mais um segundo na Terra. Algumas pessoas optam por meios mais lentos, onde podem contemplar a morte caminhando vagarosamente em sua direção, até passar a lâmina da foice em sua goela, cortando-lhe o fio da existência e levando cada mal sofrido para o inferno de uma vez por todas. Esses não têm a preocupação ou a necessidade de cometer o ato rapidamente, o que ao meu ver é mais confortável. Ninguém merece a pressão de ter que se matar o mais rápido possível. A morte não é o seu chefe no trabalho que quer tudo pra ontem. A morte é paciente. Ela deseja que a situação seja prazerosa pra você.

Voltando ao meu caso, escolhi a forma mais lenta de suicídio que consegui pensar. Nela, tirarei minha vida aos poucos, com péssimos hábitos. Já fumo um maço de cigarros por dia. Tentarei triplicar isso. Não como frutas, legumes ou verduras, mas daqui pra frente viverei apenas de pães e outras massas. Não terei mais problemas para dormir, pois beberei o máximo de cachaça que conseguir diariamente, o que deverá me derrubar na cama e garantir que eu pegue no sono facilmente. Se a garganta começar a doer, ao invés de um xarope, fumarei três cigarros seguidos. Se o fígado reclamar, virarei mais três doses de cachaça. Assim, pouco a pouco, meu corpo irá ceder. Alguns dirão que isso não é suicídio, mas sim uma forma de aproveitar a vida. Para esses, direi que é uma forma de aproveitar a morte. Ao longe, verei um vulto negro me chamando e a cada cigarro, a cada dose, esse vulto estará mais próximo, até que eu seja agraciado com a face mórbida do ceifador, possa admirar cada detalhe de seu rosto, cada mancha em suas vestes e, enfim, bater as botas. Após algum tempo, meu cadáver começará a feder e alguém virá até minha casa verificar o que diabos está exalando aquela essência. Encontrará o pior tipo de lixo que poderia imaginar e dará aos meus restos algum destino. Talvez isso não demore muito, visto que minha vizinha gosta de reclamar sobre tudo. Torço para que o cheiro fique impregnado nas calcinhas que ela pendura no varal.

Sobre aquele suicida

Ele, sentado no muro do viaduto, olhou para mim, rápido, com os olhos arregalados e o rosto reluzente e avermelhado. Estendeu uma folha, que escapou de sua mão trêmula, então saltou... Em alguns instantes, já estava morto.

No bilhete, havia escrito um número de telefone. Consigo carregava apenas um aparelho celular, uma carteira e uma foto. Havia também no bilhete a palavra ´´PERDÃO!``.

A mulher que me atendeu, disse ´´Amor, não sei o que houve, mas volta pra casa...``, e lá estava ele na beira da pista, com um lado do rosto desfigurado. ´´Chame a polícia, tem um homem morto debaixo da passarela``, falei, junto com o nome da avenida.

Algum tempo depois, as pessoas circundantes perguntavam o que havia acontecido, eu apenas olhava aquele corpo pálido e aquela mulher, que chorava, soluçando baixinho, enquanto abraçava o marido.

Para uma mulher chegar ao ponto de lamentar silenciosamente por sua morte, aquele homem devia ser um grande sujeito.
Seu sorriso na foto em família, o braço de sua esposa envolto em seu corpo, como que a guardar-lhe e a seus filhos, que olhavam-o sorridentes...

Pergunto-me: qual o verdadeiro valor de uma vida, senão aquele que ela dá-se?

Sem título I

É Domingo, me vejo deitado. Assim como todos os outros dias, me encontro vivo e com meu espírito morto. A solidão, talvez, me tenha feito morrer por dentro nesses últimos anos.

A amizade que eu cultivei dentro de minha mente nesses últimos anos com a solidão, me fez pensar o quanto ela me mostrou o mundo de dentro do meu quarto. Ao sair, ver as pessoas, é como se eu tivesse ido ao extremo da vida e conhecesse as tais características de um infeliz, consigo ver em seus rostos sua infelicidade. É difícil você ver alguém feliz, digo, realmente feliz. Com a dominação das redes sociais, muita gente se finge feliz, mas pessoalmente você sente toda a negatividade.

Talvez anos atrás eu esrivesse bem, hoje a solidão tem cheiro, cor e forma física. A solidão pode ser demonstrada a partir do cigarro que fumo ao escrever, do café sendo preparado e do sol em minha face. A solidão, nada mais é que o reflexo de si próprio, vazia e triste.

A solidão sob outra visão

Já fazem 9 dias que não vejo ninguém. A pessoa mais próxima de mim está à 12 km de distância. A única forma de chegar até ela é indo de moto por meio de uma mata amazônica densa em um trilho de boi. Nessas horas eu posso dizer que realmente sei o que é estar sozinho.

Sabe, se não fosse o acesso à Internet, talvez eu até enlouqueceria, porém quando você está sozinho, não ouve nada além do vento passando entre as árvores, da água do rio batendo nas pedras do seu leito, dos pássaros cantando, das galinhas e porcos remexendo o chão atrás de comida, você tem duas opções: ou trata isso como prisão, ou como a síntese da liberdade. No fim, solidão é liberdade, só basta você estar de bem consigo mesmo. Solidão é ser seu melhor amigo.

A solidão que me permite fumar os meus cigarrinhos em paz sem ninguém vir me falar que isso mata, a solidão me permite construir minha própria casa com as minhas mãos, a solidão me permite cuidar dos meus animais da forma que eu penso ser a certa, a solidão me deixa estudar o que quero. A solidão me deixa ser eu mesmo. Ninguém entra na minha cabeça quando eu estou sozinho.

E assim continuo na minha liberdade. Ouvindo os pássaros, os porcos, as galinhas, o vento, a água, o mundo. Chame de misantropia ou do que quiser, o mundo é bem melhor sem ninguém por perto.

Sem título II

Mais uma vez é segunda-feira, ao contrario das outras pessoas acho que sou um dos poucos que gosta desse dia. É no primeiro dia útil da semana que me sinto aliviado do vazio e da angustia dos fins de semana e me sinto corajoso por ter aquentado mais uma vez esse tormento.
Logo quando chega a noite de sexta-feira, você começa a ouvir um sussurro, como o vento incessante que sopra entre os prédios produzindo um zumbido, você não sabe o que ele esta dizendo, mas ele continua ressoando dentro de sua cabeça.
Conforme a noite passa, o som dentro de sua cabeça vai ficando mais alto, e tudo que você quer fazer é parar com essa angustia tentando abafar-la com algo que ocupe a sua atenção. No começo funciona, jogos e filmes são o bastante para ocupar sua mente, mas com o tempo os sussurros vão ficando mais altos, é difícil achar algo que te agrade e ocupe o vazio de sua alma ecoando uma dor que não silencia.
O fim de semana inteiro segue nesse ritmo, a ansiedade te impede de aproveitar a vida, você se tornou uma ilha isolada do resto do mundo. As horas passam devagar e o sono tarda a chegar, você tenta desesperadamente achar alguma coisa que te de alivio dessa solidão. Já não consegue mais dormir sem estar embriagado pois o barulho de sua mente não permite, apenas quer apagar sua consciência com a esperança que não tenha nenhum sonho durante o sono e que por capricho do destino, não acorde na manhã seguinte.
Para sua infelicidade, a manhã sempre chega, porém, desta vez é segunda-feira. Se apresse para não chegar atrasado ao trabalho, você tem prazos e metas para cumprir, mas a correria do dia a dia acaba abafando o zunido de sua cabeça, trazendo um alivio que você não sabe explicar. Assim, ao ser questionado por aquele colega de trabalho irritante sobre seu fim de semana, você responde com um sorriso amarelo e sádico, "foi ótimo".

"All I've wanted, all I've needed, is here in my arms…"

São oito horas da manhã. Não há mais sentido algum ser acordado por um despertador, mas prefiro continuar com a rotina. Levanto, ainda com preguiça, e repito os passos matinais dos últimos anos: desligo o ventilador, ligo o computador, abro a janela, vou ao banheiro.

Sento em frente ao computador, abro o navegador e entro em um site de notícias, mas não há nenhuma nova postagem. Aliás, me surpreendo por ainda ter energia e internet em casa. Vou até a cozinha procurar algo para comer, mas percebo que não há mais pão, ovos, bacon e nenhum biscoito ou coisa do tipo. Tenho que ir ao supermercado comprar comida e material de limpeza para casa. É bom mantê-la limpa, embora ninguém mais me visite. Saio de casa sem me preocupar em fechar a porta ou trancar o portão, pois sei que a cidade agora está segura e não há perigo algum em deixar a casa aberta.

Chego no supermercado, que fica há duas quadras de distância da minha casa, e já me dirijo à seção de enlatados. Além destes, pego também alguns pacotes de chips, biscoito, suco em pó, chocolate… Volto para casa com o carrinho cheio. Sou cliente há alguns anos e, com as últimas mudanças, consegui o privilégio de poder levar o carrinho de comprar até em casa.

Após o desjejum, volto para o computador e entro em um outro site de notícias. Novamente, nenhum novo post, mas isso não me surpreende, pois este site sempre teve um ritmo lento de postagens e apenas meia hora se passou desde a minha ida ao supermercado.

Sigo o meu dia normalmente: lendo artigos na Wikipédia, jogando, escutando música, lendo livros… Não sei se gosto ou não dessa rotina, que sigo há tanto tempo, mas não tenho muito mais o que fazer.

Hoje, entretanto, aconteceu algo diferente: recebi uma ligação inesperada no final da tarde. Ligação inesperada, verdade seja dita, é um pleonasmo, dada a situação na qual me encontro. Foi um choque! Fiquei muito abalado, aflito e, ao mesmo tempo, entusiasmado, empolgado. Há meses eu não recebia um telefonema de quem quer que seja. Atendi, tremendo, com a esperança de escutar uma voz do outro lado, mas ninguém disse nada. Alguns segundos de silêncio e a ligação caiu. Ainda assim, fiquei emocionalmente abalado. Quem mais poderia ligar para mim que sou, agora, o último humano da Terra?

Sem título III

Uma noite fria de sábado. O homem de terno saiu do grande prédio branco sem olhar para trás. As únicas coisas para as quais olhou foram suas mãos que pareciam congelar com o frio que vinha do prédio. Fechou as mãos algumas vezes enquanto as esfregava e assoprava.

"Finalmente esse dia acabou", pensou o homem de terno. Não era normal que ele trabalhasse aos sábados, mas assuntos urgentes na empresa, na qual ele não era nada mais que apenas mais um funcionário, obrigaram-no a perder seu dia. "Pelo menos não era apenas eu", pensou o homem enquanto lembrava dos colegas que também perderam o dia. Achou que talvez fosse um pouco maldoso se sentir bem sabendo que seus colegas de trabalho se prejudicaram junto dele, mas a ideia de que ele não passou por algo sozinho lhe parecia estranhamente agradável, ainda que ele mesmo não fosse íntimo de ninguém que ainda estava no prédio ou que já tenha saído.

Começou a caminhar para casa durante a noite. Tinha pego um ônibus para ir à empresa mas nenhum ônibus passava mais naquele horário, obrigando-o a caminhar sozinho pelas ruas. A sensação de solidão lhe dava um pouco de medo, não só pelo medo de um possível assalto, latrocínio ou até algo pior, mas só a sensação de não ter ninguém próximo lhe incomodava a ponto de fazer com que apertasse o passo apenas pela esperança de que encontrasse mais pessoas.

Enquanto caminhava, assustou-se com algumas vozes que ouviu. Percebeu que elas vinham de uma casa do outro lado da rua, um pouco atrás de onde já estava e decidiu dar uma olhada. Era um rapaz saindo de uma casa enquanto recebia um beijo de despedida de uma bela moça. Ao olhar para a moça, lembrou-se dos tempos de escola, lembrou-se de uma garota que sentava a sua frente na sala de aula. Uma das coisas das quais o homem se arrependeu em sua vida foi de nunca ter tentado falar com ela. Apenas a admirava de longe e ficava feliz só de saber que estava perto dela. De certa forma, a moça da casa lhe lembrou daquela garota: os mesmos olhos azuis e o cabelo loiro ondulado. Poderiam ser a mesma pessoa? Ele nunca mais ouviu falar dela depois do Ensino Médio, mas não havia como, não poderia ser. De qualquer forma, não importava, ela já tinha saído de sua vida. Ela se foi.

Continuou a caminhar para casa enquanto se atentava para qualquer movimentação estranha. Mais a frente, viu um grupo de rapazes jovens vindo em sua direção. Naturalmente sentiu medo, mas continuou, continuou e eles simplesmente passaram direto por ele. Ficou aliviado, mas ao mesmo tempo sentiu um pouco de nostalgia. Lembrou-se de quando saía com amigos assim durante os tempos de escola e com os que o acompanharam na faculdade e de como jogavam papo fora assim como aqueles rapazes. "Bons tempos", pensou para si enquanto dava um sorriso. Queria se encontrar com eles de novo, mas ele se mudou de cidade depois de concluir a faculdade e perdeu todos os meios de contatos que tinha com eles. Eles se foram.

Atravessou a rua um pouco distraído e quase foi atropelado, mas atravessou são e salvo.
– Jesus! Você está bem? – perguntou uma senhora a sua frente.
Ele confirmou que sim, tranquilizou-a e ambos seguiram seus caminhos. Olhou para trás e viu a senhora caminhando. Lembrou um pouco de sua mãe. Apesar de ser alguém um pouco nervoso, ele sempre soube que sua mãe se preocupava com ele e provavelmente se preocupava com ele naquele momento mesmo, mesmo que não soubesse o que quase aconteceu. Ao mesmo tempo sentiu um pouco de tristeza por não a ver há anos e nem sabia como poderia a rever. Ela se foi.

Já estava quase chegando em casa quando viu um cachorro vindo a sua frente. Agachou-se e ofereceu a mão, o cachorro a lambeu um pouco e ele fez um leve carinho na cabeça do animal. Era um cachorro bem diferente do que ele tinha quando era criança, mas ainda era um cachorro. Infelizmente seu pequeno amigo de infância se meteu em uma briga com outro cachorro e, por seu pequeno tamanho, acabou se saindo muito prejudicado. Tirou esses pensamentos da cabeça, ele se emocionava um pouco quando lembrava daquele dia. Deixou o cachorro para trás e continuou. Ele se foi.

Olhou para sua casa do outro lado da rua e atravessou. Parou ao ver uma forte luz vindo do seu

lado junto com um grande barulho. Olhou rapidamente para o carro que buzinava e vinha em alta velocidade. Mas que burro! Seu modo distraído de ser parece finalmente ter lhe custado a vida. Fechou os olhos e não sentiu nada. Abriu novamente e viu o carro saindo em alta velocidade do outro lado. "Essa foi quase!", pensou enquanto suspirava aliviado. Seu alívio, porém, durou pouco. Olhou novamente para a rua e viu um corpo estirado e ensanguentado no chão. Era seu próprio corpo. Por alguns minutos se desesperou. Ele acabou de morrer! Mas se acalmou e aquela montanha-russa de emoções parecia ter cessado quando ele se deu conta de que talvez a morte tivesse sido algo indiferente, quase um alívio. Não havia ninguém lhe esperando em casa, ninguém lhe esperando em qualquer lugar e era substituível no que fazia enquanto vivo. Não fazia diferença que ele tivesse morrido.

Agora ele não estaria mais sozinho.

Agora ele poderia estar com eles.

Agora ele se foi.

O casal mais fragmentadamente perfeito do aterrorizante planeta Terra

Faz um bom tempo, nada passou. Um bom tempo inerte, as quatro paredes me cercam junto a um teto e também quatro pilastras. Sem contar o piso, o espelho rachado ao meio, os móveis azuis e a minha pele pendurada em dois anzóis próximos a porta. Não é um quarto, não é uma sala, nem um saguão. Considere todo o ambiente como um livro queimado que nada se pode ler. Ah, o cheiro da fumaça me agrada, agrada a vizinhança, todos devem agradecer à fumaça de cada dia. Minha mulher ama Sushi, para homenagear nosso matrimônio, dei a ela uma prova da minha saliva em tempero, a usei como o sal, quem dera todos pudessem ter em uma estante um saleiro feito de concreto, quase como um pote, e dentro ter um terço a mais do que um pequeno saleiro pode conter. Esse sal que torna tudo mais amável, o branco é a junção das cores, o sódio puro, o negro é a ausência de tudo, sódio aluminus. E o cinza? Creio que seja apenas minha mulher, nada mais. Na mesa de jantar, um pano de tamanho médio com ilustrações orientais, minha mulher adora as gueixas, eu adoro o fato dela adorar as gueixas. Cinco cadeiras, a quinta e última, ou a primeira e primeira cadeira é uma especial, considere-a como um trono, cor preta, diferente do marrom-cocô presente nas outras, algumas outras parafernálias e duas rodas. Essas rodas significam o passar do tempo. Estamos só, sem contar o bicho enjaulado, uma calopsita-felino, metade ave, metade gatuno. Ela não canta, nada canta, nada fala, tudo se move e tudo se vai, estamos só, tirando o fato de que o silêncio do mundo está conosco. Poderia clamar por Deus se eu pudesse ouví-lo. Minha mulher parece adorar o criador, tanto que faz algum tipo de oração antes da janta e depois dela. Tenho medo de soltar a calopsita-felino por conta da minha esposa. Sabe, os animais são apaixonados por sal. Eu também, mas me considero mais uma planta, minha mulher sim é um animal, um belo de um animal. O animal dos animais, toda planta merece ser digerida por esse animal. Chamo-me Roseira-dos-dentes-amarelos. E minha mulher Sal-cinza-feito-exclusivamente-para-Sushi.

Há uma troca de favores entre nós dois, meu rosto e minha essência. Há também uma falta de apetição, ao meu ver. E como há também nada que possa significar realmente o que é esse reflexo de mim mesmo na parede. Não é a sombra, nem pense que é a sombra. Dois átomos de hidrogênio e quatro de sulfato unidos em um complô de desesperança traumática. Lembro do barulho das rodinhas que iam pra lá e pra cá, além daquelas milhares de lâmpadas extremamente fortes. Paredes são ótimas, não são? Sempre há paredes em todos os lugares, isso ninguém pode discutir. Não amo as paredes, elas me amam. Lembro da minha mulher ao meu lado, estávamos deitados no piso branco. Ao contrário da minha vida de móveis azuis, quatro paredes e um simples teto sustentado por quatro pilastras e algumas cadeiras de cores nojentas, além do trono especial de minha esposa; esse lugar que nos encontrou serviu para unir nossa pele. Nos amamos e estamos aptos a visitá-lo sempre que possível. Meu emprego de desocupado-matinal sempre é um obstáculo. E a minha mulher, a Sushi-Woman da cidade, usa de seu próprio sal orgânico para preparar a mais saborosa iguaria do país. Espero que um dia nossos empregos sumam, mas nós não, ainda queremos visitar esse lugar mais de uma vez. Nossos filhos são paredes.

Não aceitei a proposta, minha mulher decide tudo por mim, ainda mais nos momentos vida-ou-morte. Seria preciso um comboio de bisturis vindo da Índia e alguns assistentes de medicina vindos da Argentina. Eu consigo fazer tudo sozinho, eu sei que consigo, se ela não me abandonou durante meu corpo neutro, não vai me abandonar durante meu atual corpo-vanguardista. Tanto que ela ainda permanece aqui, meio cinza, eu admito, mas é ela. Eu sei que é ela pelo fato do perfume peidorrento que presenteei no nosso sexagésimo nono terceiro aniversário de amigos-quase-que-cônjuges. Doutor insiste em me chamar de neurótico, mas minha mulher há de chutar a bunda desse infeliz, só esperar o momento certo. São as mesmas paredes? Toda hora essas paredes, eu já me cansei delas, sinceramente. Tudo branco, menos minha esposa, eu nunca entendi a pigmentação dela. O doutor me parece branco também, eu sou meio que o arco-íris preferido das ratazanas, aquele que em seu final há um pote de queijo. Olhai os males que essas palavras causam nos meus neurônios. Um caralho não é mais um caralho, estou impotente mas não fraco. Não aceitei a proposta, confio nela, muito mais nela. Caso dê tudo certo, sei que vou me arrepender. Caso dê tudo errado, era mais do que esperado. Mas realmente acho que nada disso foi em vão, e que a decisão da minha querida esposa nunca vai me decepcionar. No final das contas foi eu quem decidi, não ela. Ou foi ela, não sei.

Branco pulsante, uma ausência de alma. Dentre todas as decorações, aquela que sempre me amou é a que ilustra, por ser cinza, agora, puramente terra. É a terra onde pisaram as grandes guerras, onde pisaram minha família, meus poucos amigos, meus quadrilhões de indiferentes desconhecidos rostos, e eu, que volto de um começo que é o fim que justamente é o prólogo do começo. Preso em carne, ossos, órgãos e espírito. Sei que ela nunca irá me abandonar, ela permanece aqui ao meu lado. Me faça entender sua coloração. Pulsante é o nada que representa minha vontade. Como uma ordem da natureza bestial, continuo parado e penso nos nossos queridos filhos. Sant'Ana, a parede mais resistente de todos os prédios vizinhos daqui. Touro Celeste, uma grande muralha, mas de uma força tão nobre e virtuosa. E por fim, minha mulher, aquele que foi fruto de nossa própria relação. O ventre do ventre jaz presente em seu corpo. Como é bom renascer em si e morrer em outros. Cá estou no derradeiro de nossa vida, contemplando o saber e o fim.

Parte 2 – Poesia

Dia de vênus

Sexta-feira, sexta-feira - um dia como outro qualquer,
banalmente propagado como descanso da vida moderna.
A manipulatória receita, do balanceio entre tortura e alívio.
A liberdade para sentir-se vívido, depois de tanto minguar…

Sexta-feira, sexta-feira, tira-me deste lugar!
da companhia destas pessoas, dessa chantagem moralista.
Síndrome de Estocolmo a dominar sociedades
que, por infelicitas, mantém-se embriagadas.

Sexta-feira, mata-me! mata-me!
Prefiro-me morto que vivo, pois vivo para sustentar
a maldita ilusão de conforto da vida moderna,
pois acordo condenado a olhar-me no espelho
e reconhecer a face da vergonha, da humilhação, da conformidade…
Mata-me! Mata-me, sexta-feita!
Sexta-feira!

Certeza

A vida é uma completa frequência
Nela não há razão ou certeza
O passado muitas vezes é uma completa evidência
Que faz o homem moldar sua personalidade e aparência

Eis vida
Eis o futuro
Eis a personalidade de um ser inseguro
Ser este, que busca um mundo obtuso
Mas que nesse só há dor e injustiça

A solidão
Essa com seu reflexo
Faz este homem olhar seu coração
Percebe-se então que tudo é uma grande incerteza
E que única exceção será a morte, portanto…
Eis aí a frequência.

Sem título

De todos que me esqueceram guardo um pedaço no peito e uma lembrança do seu esquecimento.
Porque estrondoso é o barulho
dos que pernoitam no mundo
e não escutam o som do mar.

Talvez eu esteja no fundo de um buraco, onde mesmo gritando pareço sussurrar, portanto, quem está longe do sereno e do calmo nunca me escutará. As vezes me sinto traído pela minha natureza
que não me deixou ver a beleza
dos tempos em que me sentia bem.

A angústia aumenta com o passar do tempo, no presente é um presente estar contente com a própria companhia.

Quarta-feira, 23h

Amortecido pela espuma do sofá, cai um corpo
Amor televisionado, o conto de fadas diário
Nudez e carnificina
Mais uma vez, ignorados
Sobe ao seu consciente a sensação de que faltou algo
Sobe tua mágoa guardada do passado
“Ó, beijos nunca dados”
Fale sem medo
Seus arrependimentos
O adeus que nunca será escutado

Mais doze comprimidos
Mais quatro doses
Foi-se mais um dia
Foi-se mais uma vida
No fim, adormecido

Reflexos da solidão

Ao balançar do ônibus
O jovem pensativo
Fui destinado a viver sozinho?
Contemplativo.

Puxou o celular
A hora realmente não importa
Só quer saber se alguém…
Se importa.

Chegando em casa o mofo
Não o deixa esquecer
Não há plateia,
Para vê-lo sofrer.

O dinheiro acabou
O aluguel chegou
A vida é a rotina
De quem não vive
Sobrevive.

Ao cair da noite
No silêncio da madruga
Por breves momentos
O som da risada

Na internet ele é rei
Pitanga branca
10k no estágio
Conhecido e venerado

O dia amanhece
A cidade acordando
Hora de pegar o ônibus
O sono de quem mal dormiu

Na janela o reflexo não mente
O rosto cansado,
Descabelado, pensativo
Fui destinado a viver sozinho?

Puxou o celular
A hora realmente não importa
Só quer saber se alguém…
se importa.



Agosto de 2017